

Paróquia de Nossa Senhora da Areosa

Credo
(Símbolo dos Apóstolos)

*Explicação resumida
em 12 artigos*

I - Introdução

1- O que significa dizer creio?

“É uma palavra que tem vários significados: indica acolher algo entre as próprias convicções, ter confiança em alguém, estarmos convictos. Quando, porém, a dizemos no ‘**Credo**’, essa palavra assume um significado muito mais profundo: é afirmar com confiança o sentido verdadeiro da realidade que nos sustenta, que sustenta o mundo; significa acolher esse sentido como o sólido terreno sobre o qual podemos estar sem temor; é saber que o fundamento de tudo, de nós mesmos, não pode ser feito por nós, mas pode ser somente recebido”.

Quando rezamos o “Credo”, Símbolo da Fé, estamos a dar o verdadeiro sentido às palavras que proferimos, ou rezamos como se fosse uma lenga-lenga apressada e distraidamente? Muitos de nós não valorizamos o Credo como seria necessário até porque “nele se insere a vida moral de cada cristão que nele encontra o seu fundamento e a sua justificação.”

O Papa Bento XVI apelou insistenteamente, no Ano da Fé (2012/13), à necessidade do conhecimento do Credo, da Profissão de Fé ou Símbolo da Fé. Convidou a **“que o Credo seja melhor conhecido, compreendido e rezado”** e não somente a nível intelectual, mas vivido no nosso dia-a-dia. Nele encontramos as fórmulas essenciais da fé: as verdades que nos foram fielmente transmitidas e que constituem a luz para a nossa existência. Não o conhecendo, deixamos aberto um espaço a uma religiosidade sem clareza sobre as verdades a serem acreditadas e sobre a singularidade salvífica do cristianismo”. “O nosso mundo de hoje está profundamente marcado pelo secularismo, relativismo e individualismo que levam muitas pessoas a viver a vida de modo superficial, sem ideias claras.”

Tendo em conta este pedido do Santo Padre, iremos apresentar, sucessivamente, a explicação do Credo nos seus vários passos que vamos considerar um a um, para que, mais esclarecidos, vivamos com maior esperança e maior alegria o grande dom da nossa Fé.

2- Origem do Credo

Desde a origem, a Igreja Apostólica exprimiu e transmitiu a sua própria fé em fórmulas breves e normativas para todos. Mas já muito cedo a Igreja quis também recolher o essencial da sua fé em resumos orgânicos e articulados, destinados sobretudo aos candidatos ao Batismo.

As profissões ou símbolos da fé têm sido numerosos ao longo dos séculos, em resposta às necessidades das diversas épocas:

Os símbolos das diferentes Igrejas apostólicas e antigas, o Símbolo "Quicumque", dito de Santo Atanásio, as profissões de fé de certos Concílios (Toledo; Latrão; Lião; Trento) ou de certos papas, como a "Fides Damasi" (Profissão de Fé de São Dâmaso) ou o "Credo do Povo de Deus", de Paulo VI.

Nenhum dos símbolos das diferentes etapas da vida da Igreja pode ser considerado ultrapassado e inútil. Eles nos ajudam a viver e a aprofundar, hoje, a fé de sempre, por meio dos diversos resumos que dela têm sido feitos.

Estas sínteses da fé chamam-se "**Profissões de fé**", pois resumem a fé que os cristãos professam. Chamam-se "**Credo**" em razão da primeira palavra com que normalmente começam: "Creio". Denominam-se também "**Símbolos da fé**".

Os Símbolos da Fé atualmente mais conhecidos e usados são o Símbolo dos Apóstolos e o Símbolo Niceno-Constantinopolitano.

O **Símbolo dos Apóstolos**, assim chamado por ser, com razão, considerado o resumo fiel da fé dos apóstolos. É o antigo símbolo batismal da Igreja de Roma. Sua grande autoridade vem do seguinte facto: Ele é o símbolo guardado pela Igreja Romana, aquela onde Pedro, o primeiro apóstolo, teve sua Sé e para onde ele trouxe a comum expressão de fé.

O **Símbolo Niceno-Constantinopolitano** tem a sua grande autoridade no facto de ter resultado dos dois primeiros Concílios Ecuménicos (Niceia no ano 325 e Constantinopla no ano 381). Ainda hoje ele é comum a todas as grandes Igrejas do Oriente e do Ocidente e é o "Credo" que proclamamos nas nossas eucaristias.

II - CREDO

(Símbolo dos Apóstolos)

Creio em Deus,

**Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra;
e em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor,
que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;
nasceu da Virgem Maria;
padeceu sob Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado;
desceu à mansão dos mortos;
ressuscitou ao terceiro dia;
subiu aos Céus,
onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso,
de onde há-de vir a julgar os vivos e os mortos.**

Creio no Espírito Santo.

**na santa Igreja Católica;
na comunhão dos Santos;
na remissão dos pecados;
na ressurreição da carne;
na vida eterna.**

Amém.

III - Explicação resumida

1º Artigo:

Creio em Deus, Pai todo poderoso, Criador do céu e da terra.

O Credo começa com **Deus Pai, criador de tudo o que existe**, seres materiais e espirituais. Criou o mundo belo e ordenado, regido por leis que o mantêm. O mundo foi criado para “manifestar a glória de Deus”, não para aumentá-la.

Deus é um Ser espiritual, não tem corpo. Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu eterno poder e divindade, tornam-se visíveis à inteligência, pelas suas obras.

Deus é Eterno, não teve princípio e não terá fim.

Deus é Perfeitíssimo, isto é, incapaz de fazer o mal, de desejar o mal, de se enganar ou de enganar alguém.

Deus é Omnipotente, pode tudo, nada lhe é impossível; é **Omnisciente**, sabe tudo, nada lhe é oculto ou desconhecido; é **Omnipresente**, está presente em todo lugar, ninguém e nada se esconde d'Ele.

Deus é a Verdade e, como tal, não se engana e não pode enganar. Ele “é luz e n'Ele não há trevas” (1 Jo 1,5).

Deus é Único, uma só substância (ou essência, natureza). “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o Único Senhor...” (Dt 6,4). O Ser Supremo é único, isto é, sem igual.

Deus é Santo por excelência, e “rico de misericórdia” (Ef 2,4), sempre pronto a perdoar.

Deus é Amor; “tanto amou o mundo que lhe deu o seu próprio Filho unigênito, para que o mundo seja salvo por seu intermédio” (Jo 3,16-17). Não há prova de amor maior que esta.

Não nos devemos angustiar por não poder compreender Deus, apenas confiar que Ele nos ilumina para podermos conhecer melhor as verdades que ultrapassam o nosso entendimento.

“Se O comprehendesses, Ele não seria Deus”, disse Santo Agostinho.

2º artigo:***Creio em Jesus Cristo Seu único Filho, nosso Senhor***

O nome de **Jesus** significa «**Deus salva**». O menino nascido da Virgem Maria é chamado «Jesus», «porque salvará o seu povo dos seus pecados»; «não existe debaixo do céu outro nome dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos».

O nome de **Cristo** significa «**Ungido**», «**Messias**». Jesus é Cristo, porque «Deus O ungiu com o Espírito Santo e o poder». Ele era «Aquele que estava para vir, o objeto da «esperança de Israel». Jesus realizou a expectativa messiânica de Israel na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

O nome de **Filho de Deus** significa a relação única e eterna de Jesus Cristo com Deus seu Pai: **Ele é o Filho único do Pai e, Ele próprio, Deus**. Crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é condição necessária para ser cristão.

Quando Pedro confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo», Jesus responde-lhe solenemente: «não foram a carne nem o sangue que te revelaram, mas sim o meu Pai que está nos céus».

O nome de **Senhor** significa a soberania divina. **Confessar ou invocar Jesus como Senhor é crer na sua divindade**. «Ninguém pode dizer "Jesus é Senhor", a não ser pela ação do Espírito Santo». Nisto se reconhecem os cristãos, diz São Paulo: «Se confessares com a tua boca: 'Jesus é o Senhor', e acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo».

Ser cristão implica, embora nos custe, proclamar que Jesus Cristo é o Senhor, mesmo que isso implique o sacrifício da nossa vida. Precisamos de ir com Jesus até ao fim, seguindo, vivendo e proclamando as verdades do evangelho, testemunhando Jesus Cristo por onde passarmos.

3º Artigo

Jesus Cristo foi concebido pelo poder do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria

O Filho de Deus encarnou no seio da Virgem Maria pelo poder do Espírito Santo, para nos reconciliar, a nós pecadores, com Deus; para nos fazer conhecer o seu amor infinito; para ser nosso modelo de santidade; para nos tornar participantes da natureza divina.

A Igreja chama “Encarnação” ao mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa divina do Verbo. Para realizar a nossa salvação o Filho de Deus fez-se “carne” tornando-se verdadeiramente homem.

Jesus é, inseparavelmente, verdadeiro Deus e verdadeiro homem na unidade da sua Pessoa Divina. Na humanidade de Jesus, tudo – milagres, sofrimento, morte – deve ser atribuído à sua Pessoa divina, que age através da natureza humana assumida.

“Concebido pelo poder do Espírito Santo” significa que a Virgem Maria concebeu o Filho eterno no seu seio, por obra do Espírito santo e sem a colaboração de homem: “O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso mesmo, o Santo que vai nascer há-de chamar-se Filho de Deus” disse-lhe o Anjo na Anunciação. Afirma-se, assim, a conceição virginal de Jesus.

Maria é verdadeiramente Mãe de Deus porque é a mãe de Jesus. Com efeito, Aquele que foi concebido por obra do Espírito Santo e que se tornou verdadeiramente Filho de Maria é o Filho eterno de Deus Pai. É ele mesmo Deus.

Maria foi escolhida, gratuitamente, por Deus para que fosse a Mãe do Seu Filho. Para cumprir tal missão, foi concebida imaculada. Isto significa que, pela graça de Deus, Maria foi preservada do pecado original desde a sua conceição.

Santo Agostinho afirma: “Maria permaneceu Virgem na conceição do seu Filho, Virgem no parto, Virgem grávida, Virgem mãe, Virgem perpétua”.

4º Artigo***Jesus Cristo padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado***

Jesus Cristo foi crucificado e morreu por ordem de Pôncio Pilatos, então governador romano da Judeia, que, instigado pelos chefes religiosos, o condenou, cobardemente, à morte, mesmo reconhecendo não ter encontrado razões para tal.

O Mistério pascal de Jesus, que comprehende a sua paixão, morte, ressurreição e glorificação, está no centro da fé cristã. Para reconciliar consigo todos os homens, votados à morte por causa do pecado, Deus tomou a iniciativa amorosa de enviar o Seu Filho para que se entregasse à morte pelos pecadores. Anunciada no Antigo Testamento, a morte de Jesus acontece “segundo as Escrituras”.

Toda a vida de Cristo é oferta livre ao Pai para realizar o seu desígnio de salvação. O seu sofrimento e a sua morte manifestam como a sua humanidade é o instrumento livre e perfeito do Amor divino que quer a salvação de todos os homens. Para nos salvar, Jesus aceita carregar sobre Si os nossos pecados no seu corpo, “fazendo-se obediente até à morte”.

Nenhum homem, ainda que o mais santo, tinha condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência em Cristo da Pessoa Divina do Filho, que supera e, ao mesmo tempo, abraça todas as pessoas humanas, e que o constitui a cabeça de toda a humanidade, torna possível o seu sacrifício redentor por todos.

O sacrifício pascal de Cristo resgata, portanto, os homens num modo único, perfeito e definitivo, e abre-lhes a comunhão com Deus.

Chamando os discípulos a tomar a sua cruz e a segui-l'O, Jesus quer associar ao Seu sacrifício redentor aqueles mesmos que dele são os primeiros beneficiários.

Cristo conheceu uma verdadeira morte e uma verdadeira sepultura. Mas o poder divino preservou o seu corpo da corrupção.

5º Artigo

Jesus Cristo desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia

A mansão dos mortos ou “infernos”, como aparece algumas versões, (não confundir com o inferno da condenação), designam o estado de todos aqueles que, justos ou maus, morreram antes de Cristo. Jesus alcançou, nos infernos, os justos que esperavam o seu Redentor para acederem finalmente à visão de Deus. Depois de, com a sua morte, ter vencido a morte e o diabo, libertou os justos e abriu-lhes as portas do Céu.

A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo e representa uma parte essencial do Mistério Pascal.

A Ressurreição de Jesus é atestada por muitos sinais. Para além do sinal essencial constituído pelo túmulo vazio, a Ressurreição de Jesus é atestada pelas mulheres que foram as primeiras a encontrar Jesus ressuscitado e o anunciaram aos Apóstolos três dias depois da Sua morte (contando: Sexta, Sábado e Domingo). A seguir, Jesus apareceu a Cefas (Pedro) e depois aos Doze. Seguidamente apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez e a outros ainda. Os Apóstolos não teriam podido inventar a Ressurreição, uma vez que esta lhes parecia impossível. De facto, Jesus repreendeu-os pela sua incredulidade.

A Ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena. O Seu corpo ressuscitado é aquele que foi crucificado e apresenta os vestígios da Sua Paixão, mas é doravante participante da vida divina com as propriedades dum corpo glorioso. Jesus ressuscitado é soberanamente livre de aparecer aos seus discípulos como Ele quer, onde Ele quer e sob aspetos diversos.

A Ressurreição é o culminar da Encarnação. Ela confirma a divindade de Cristo, e também tudo o que Ele fez e ensinou, e realiza todas as promessas divinas em nosso favor. O Ressuscitado é o princípio da nossa justificação e da nossa Ressurreição: Ele garante-nos a graça da adoção filial e, no final dos tempos, Ele ressuscitará o nosso corpo.

6.º Artigo

Jesus subiu aos Céus, onde está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso

As palavras “subiu aos Céus” significam que Jesus Cristo se elevou ao Céu pelo seu próprio poder e em presença de um grande número de discípulos, no quadragésimo dia depois da sua Ressurreição, ou seja, no Dia da Ascensão.

Antes da Ascensão, Jesus Cristo estava no Céu como Deus, não como homem. Depois da Ascensão está no Céu como Deus e como homem.

Nosso Senhor subiu ao Céu: 1º para tomar posse da glória que lhe era devida; 2º para nos preparar aí um lugar; 3º para interceder por nós junto do Seu Pai; 4º para nos enviar o Espírito Santo.

O texto do Credo diz-nos que Jesus Cristo “está sentado”, para nos dar a entender que Ele descansa e goza no Céu duma felicidade que não terá fim.

Jesus está sentado no Céu como um rei no seu trono e como um juiz no seu tribunal. Nesta dupla qualidade exerce o poder legislativo e judicial de que falava, quando se exprimia assim antes de deixar o mundo: «Todo o poder me foi dado no Céu e sobre a terra.»

O texto acrescenta ainda que Jesus Cristo está sentado à “direita de Deus Pai”. Não quer isso dizer que Deus tenha mão esquerda e mão direita. Como o lugar de honra é à direita, estas palavras significam que Jesus Cristo, igual ao seu Pai como Deus, está acima de todas as criaturas como homem.

Devemos a nossa salvação e redenção à paixão de Jesus Cristo, cujos merecimentos abriram aos justos as portas do Céu. A Ascensão comunica-nos uma força divina para elevar os nossos pensamento e a subir ao Céu em espírito: sublima os merecimentos da nossa Fé, purifica a nossa Esperança, e aponta-nos o Céu ao amor do nosso coração, inflamando-o com as chamas do Espírito Santo.

7.º Artigo

De onde (Jesus) há-de vir a julgar os vivos e os mortos

A Igreja ensina que a partir da Ascensão, a volta de Cristo na glória pode acontecer a qualquer momento, embora não nos "caiba conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com Sua própria autoridade". Este acontecimento está "retido", bem como a provação final que há-de precedê-lo.

Antes do advento de Cristo, a Igreja sofrerá uma terrível provação que porá à prova a fé dos seus filhos. "A perseguição que acompanha a peregrinação dela na terra" desvendará o "mistério de iniquidade" que se apresenta sob a forma de uma impostura religiosa que há de trazer aos homens uma solução aparente aos seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A impostura religiosa suprema é a do Anticristo, isto é, a de um pseudo-messianismo em que o homem se glorifica a si mesmo em lugar de Deus e de seu Messias que veio na carne".

A Igreja só entrará na glória do Reino por meio desta derradeira Páscoa, em que seguirá seu Senhor na sua Morte e Ressurreição. Portanto, o Reino não se realizará por um triunfo histórico da Igreja segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória definitiva de Deus sobre a revolta do mal, vitória que assumirá a forma do Juizo Final, depois do derradeiro abalo cósmico deste mundo que passará, dando lugar a uma nova realidade de total perfeição "um novo Céu e uma nova Terra" na qual "Deus será tudo em todos".

Cristo é Senhor da Vida Eterna. O pleno direito de julgar definitivamente as obras e os corações dos homens pertence a Ele enquanto Redentor do mundo. Ele "adquiriu" este direito pela sua Cruz.

Ao vir no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos, isto é, todos os homens de todos os tempos, Cristo glorioso revelará a disposição secreta dos corações e retribuirá a cada um segundo suas obras e conforme tiver acolhido ou rejeitado a sua graça.

8.º Artigo

Creio no Espírito Santo

Crer no Espírito Santo é professar a terceira pessoa da Santíssima Trindade, que procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado.

Pelo Batismo o Espírito Santo foi enviado aos nossos corações para recebermos a vida nova de filhos de Deus. Ele é o nosso santificador, mediante seus dons infusos: sabedoria, ciência, conhecimento, fortaleza, conselho, piedade e temor de Deus.

O Espírito é invisível, mas nós conhecemos-lo através da sua ação quando nos revela o Verbo, Jesus Cristo, e quando age na Igreja.

“Espírito Santo” é o nome próprio da terceira pessoa da Santíssima Trindade. Jesus chama-lhe também: Espírito Paráclito (Consolador, Advogado) e Espírito de Verdade. O Novo Testamento chama-lhe ainda: Espírito de Cristo, do Senhor, de Deus, Espírito da Glória, da promessa.

O Espírito Santo é representado nos textos sagrados e na Igreja por diversos símbolos: Água Viva que faz renascer os batizados; Unção com óleo que é o sinal sacramental da Confirmação; Fogo que transforma o que toca; Nuvem na qual se revela a glória divina; Imposição das Mãoas pela qual é dado o Espírito Santo; Pomba que desce sobre Cristo no batismo e permanece sobre Ele.

De forma única, o Espírito Santo enche de graça a Virgem Maria e torna fecunda a sua virgindade para dar à luz o Filho de Deus encarnado. O Filho de Deus é consagrado Cristo (Messias) pela unção do Espírito Santo na sua humanidade desde a Encarnação.

Cristo revela o Espírito Santo no seu ensino e comunica-o à Igreja nascente soprando sobre os Apóstolos, após a sua Ressurreição e Ascensão ao Céu, no dia de Pentecostes, para que levassem a obra da salvação a todos os povos de todos os tempos e lugares, até que Ele volte.

Por meio dos sacramentos, Cristo comunica aos membros do Seu Corpo, a Igreja, o Espírito Santo que a edifica, anima e santifica.

9.º Artigo

Creio na Santa Igreja Católica

A palavra Igreja (do grego *Ekklesia*) designa o povo convocado por Deus por todos os confins da terra, para constituir a assembleia daqueles que, pela Fé e pelo Batismo, se tornam filhos de Deus, membros de Cristo e templo do Espírito Santo. A Igreja é:

- Povo de Deus, porque Deus quis santificar os homens, não isoladamente, mas constituindo-os num só povo;
- Corpo de Cristo, porque os crentes em Cristo, por meio do Espírito, estão unidos estreitamente a Ele e entre si na caridade, formando um só corpo, a Igreja, cuja Cabeça é Cristo;
- Templo do Espírito Santo, porque Ele reside no corpo que é a Igreja edificando-a na caridade com a Palavra de Deus, os sacramentos, as virtudes e os carismas.

A Igreja é, também:

- **Una**, porque tem como fundador e Cabeça, Jesus Cristo que restabelece a unidade de todos os povos num só corpo, e porque tem o Espírito Santo, que une todos os fiéis na comunhão em Cristo, numa só Fé;
- **Santa**, porque Deus Santíssimo é o seu autor, Cristo entregou-se por ela para a santificar e fazer dela santificadora e o Espírito Santo vivifica-a com a caridade. A Igreja é a fonte de santificação dos seus filhos que se reconhecem pecadores sempre necessitados de conversão e de purificação;
- **Católica**, isto é, Universal, porque nela está presente Cristo, anuncia a totalidade e integridade da Fé e é enviada em missão a todos os povos, em todos os tempos e de qualquer cultura;
- **Apostólica**, porque construída sobre o fundamento dos Apóstolos, pelo seu ensino que é o mesmo dos Apóstolos e pela sua estrutura baseada nos sucessores dos Apóstolos, os Bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, que a instruem, santificam e governam.

A Igreja é ao mesmo tempo visível e espiritual, sociedade hierárquica e Corpo Místico de Cristo. Somente a Fé pode acolher este mistério.

A Igreja é, no mundo presente, o sacramento da salvação, o sinal e o instrumento da comunhão de Deus e dos homens. Tem como missão anunciar e instaurar no mundo inteiro o Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo.

10.º Artigo

Creio na Comunhão dos santos e na Remissão dos pecados

Assim como no corpo mortal, os membros comunicam uns aos outros as suas qualidades e o comando vital parte da cabeça para as extremidades, assim também no corpo místico da Igreja, do qual Jesus é a cabeça, todos os membros, ou seja, todos os fiéis, recebem a força vital de Jesus Cristo, que os nutre e faz crescer. Este alimento celestial flui d'Ele principalmente pelos canais dos 7 sacramentos: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Reconciliação, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimónio.

E, ainda, como no corpo natural não é apenas a cabeça que nutre, dá força e vida aos membros do corpo, mas também os membros produzem efeitos visíveis uns nos outros.

Portanto, quando rezamos, sofremos pelo nome de Jesus Cristo ou praticamos boas ações, recebemos graças que são “creditadas”, não só àqueles que lhes deram origem como são comunicadas a todos os membros que, na Igreja, estão unidos a Cristo morto e ressuscitado.

Alguns membros são peregrinos na terra, outros que já partiram desta vida, estão a purificar-se, ajudados também pelas nossas orações; outros, enfim, gozam já da glória de Deus e intercedem por nós. A toda esta comunhão com Cristo e entre todos os membros da Igreja e que pode incluir os próprios bens materiais, chamamos Comunhão dos santos.

Nós reconhecemos e confessamos que Deus, Nosso Senhor, possui autoridade e poder para perdoar os nossos pecados. Também confessamos e acreditamos que Jesus Cristo, através dos sacerdotes da Igreja Católica, pelo efeito da comunicação da Sua autoridade, absolve os nossos pecados. O primeiro e principal sacramento para o perdão dos pecados é o Batismo.

Para os pecados cometidos depois do Batismo, Cristo instituiu o sacramento da Reconciliação por meio do qual o batizado é reconciliado com Deus e com a Igreja. Quando o Padre pronuncia a sentença de absolvição, a graça de Deus jorra na alma do penitente, e através dessa graça todas as manchas que desfiguravam a sua alma são limpas e, pelos méritos de Cristo, a **remissão dos pecados** lhe é concedida.

11.º Artigo

Creio na Ressurreição da carne

O termo “carne” designa o homem na sua condição de debilidade e de mortalidade. Com efeito, nós cremos em Deus que é Criador da carne; cremos no Verbo que se fez carne para redimir a carne; cremos na ressurreição da carne, acabamento da criação e da redenção da carne.

“Ressurreição da carne” significa que o estado definitivo do homem, isto é, após a morte não haverá somente a vida da alma imortal separada do corpo, mas que mesmo os nossos “corpos mortais” readquirirão vida.

Na morte, que é separação da alma e do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, ao passo que sua alma vai ao encontro de Deus, ficando à espera de ser novamente unida a seu corpo glorificado. Deus, em sua omnipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível a nossos corpos, unindo-os às nossas almas, pela virtude da Ressurreição de Jesus.

Cristo ressuscitou com seu próprio corpo: “Vede as minhas mãos e os meus pés: sou eu!” (Lc 24,39). Mas ele não voltou a uma vida terrestre. Da mesma forma, n’Ele ressuscitaremos com o nosso próprio corpo, porém, este corpo será “transfigurado em corpo de glória”, em “corpo espiritual” (1Cor 15, 44).

A morte é o fim da peregrinação terrestre do homem, do tempo de graça e de misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrestre segundo o projeto divino e para decidir o seu destino último. Todos os homens que morreram ressuscitarão: “Os que tiverem feito o bem para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação” (Jo 5,29).

A ressurreição dar-se-á definitivamente “no último dia” (Jo 6, 39-40.44-54); “no fim do mundo”: Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro (1Ts 4,16).

12.º Artigo:
Creio na Vida Eterna. Amém

O cristão, que une sua própria morte à de Jesus, vê a morte como um caminhar ao seu encontro e uma entrada na Vida Eterna. Ela é a que se seguirá imediatamente à morte e não terá fim.

Após a morte, num Juízo Particular, cada homem recebe de Deus na sua alma imortal a retribuição eterna. Esta consiste na entrada na bem-aventurança do céu, imediatamente ou depois de um adequada purificação (purgatório), ou então na condenação eterna no inferno.

A vida perfeita, vendo Deus “face a face”, comunhão de vida e de amor com Deus, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, é denominada "o Céu". O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva.

Só podemos estar unidos a Deus se fizermos livremente a opção de O amar. Mas não podemos amar a Deus se pecamos gravemente contra Ele, contra o nosso próximo ou contra nós mesmos. Morrer sem arrependimento e sem acolher o amor misericordioso de Deus, significa ficar separado d'Ele para sempre, por nossa própria e livre opção. A este estado de auto-exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados se chama "inferno". A pena principal do inferno é a eterna separação de Deus, o Único em quem o homem encontra a vida e a felicidade para que foi criado.

Quando o Senhor Jesus vier como juiz dos vivos e dos mortos, acontecerá o Juízo Final ou Universal em que toda a humanidade reunida diante d'Ele ouvirá a sentença de bem-aventurança ou de condenação eternas. A seguir a este Juízo Final o nosso corpo ressuscitado participará na retribuição que a alma já vive desde o Juízo Particular.

Depois do Juízo Final, o próprio universo, libertado da escravidão da corrupção, participará da glória de Cristo com a inauguração dos “novos céus e da nova terra” Então, Deus será “tudo em todos”.

A palavra final *Amém* significa o nosso “sim” confiante e total a tudo o que professamos no Credo.